

Artigo – Dossiê *Afrocentricidade, Ancestralidade, Alteridade e suas contribuições para a promoção de pedagogias decoloniais*

CUIDAR ANCESTRAL DA INFÂNCIA WAJÃPI: NARRATIVA DE HOMENS INDÍGENAS DA ALDEIA ARAMIRÃ

ANCESTRAL CARE OF WAJÃPI CHILDHOOD: NARRATIVES OF INDIGENOUS
MEN FROM ARAMIRÃ VILLAGE

CUIDADO ANCESTRAL DE LA INFANCIA WAJÃPI: NARRATIVAS DE
HOMBRES INDÍGENAS DE LA ALDEA ARAMIRÃ

Angela do Céu Ubaiara Brito¹

<http://lattes.cnpq.br/2696181179461504>

<https://orcid.org/0000-0002-4335-8163>

Vitor Sousa Cunha Nery²

<http://lattes.cnpq.br/9251181951280163>

<https://orcid.org/0000-0002-1309-6094>

RESUMO: Este estudo aborda o cuidado ancestral na infância Wajãpi, com o objetivo de compreender o papel dos pais, especialmente dos homens, na proteção espiritual e corporal das crianças. A pesquisa baseia-se em análise documental, com destaque para o Relatório Diagnóstico Qualitativo da Comunidade Indígena Wajãpi-AP (2021) e o documento Caderno Paternar Wajãpi (2021). Os resultados revelam que o resguardo, os cantos, os grafismos e o brincar constituem uma pedagogia viva, que transmite saberes por meio da convivência e fortalece os vínculos familiares e comunitários.

Palavras-chave: infância indígena, cuidado ancestral, paternidade Wajãpi

ABSTRACT: This study explores ancestral care in Wajãpi childhood, aiming to understand the role of parents—especially fathers—in the spiritual and physical protection of children. The research is based on documentary analysis, highlighting the Qualitative Diagnostic Report of the Wajãpi Indigenous Community (2023) and the document Paternar Wajãpi notebook (2021). Results show that rituals, songs,

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UNIFAP), do Programa de Mestrado em Recursos Naturais na Amazônia (RenAmazon/UEAP) e da Universidade do Estado do Amapá. Doutora em Educação pela USP. Líder do Grupo de Pesquisa Ludicidade, Inclusão e Saúde (LIS). E-mail: angela.brito@ueap.edu.br

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da UFPA e do ProfHistória da UNIFAP e da Universidade do Estado do Amapá. Doutor em Educação (PPGED/ICED/UFPA). Líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação na Amazônia Amapaense (GEPEA). E-mail: vitor.nery@ueap.edu.br

body painting, and play form a living pedagogy that transmits knowledge through experience and strengthens family and community bonds.

Keywords: Indigenous childhood, ancestral care, Wajãpi fatherhood

RESUMEN: Este estudio analiza el cuidado ancestral en la infancia Wajãpi, con el objetivo de comprender el papel de los padres, especialmente de los hombres, en la protección espiritual y física de los niños. La investigación se basa en el análisis documental, destacando el Informe Diagnóstico Cualitativo de la Comunidad Indígena Wajãpi-AP (2021) y el documento Cuaderno Paternar Wajãpi (2023). Los resultados muestran que el resguardo, los cantos, los grafismos y el juego conforman una pedagogía viva que transmite saberes mediante la convivencia y fortalece los vínculos familiares y comunitarios.

Palabras clave: infancia indígena, cuidado ancestral, paternidad Wajãpi

1 INTRODUÇÃO

A cosmologia dos povos indígenas emerge como um sentido ético que desafia, fere e questiona as fronteiras da ontologia educativa. Essas fronteiras sustentam dinâmicas de colonialidade, opressão e exclusão do Outro, revelando as vozes silenciadas de jovens, mulheres, negros e refugiados. Neste contexto, propomos uma reflexão a partir do Outro, cuja dignidade é frequentemente aviltada pelo mesmo sistema ontológico que fundamenta e justifica a interdição do diferente. Assim, diante da ontologia da colonialidade, nossa tarefa é resgatar e manifestar a razão da alteridade, com um enfoque particular na perspectiva indígena.

Este artigo tem como foco a sabedoria Wajãpi sobre o bem viver e a terra sem males, buscando articular uma filosofia da educação que assuma uma perspectiva ética. Inspiramo-nos nas ideias de Enrique Dussel (1977), que propõe uma práxis de libertação que se estende a uma pedagogia transformadora. Na cosmologia Wajãpi, a infância é vivida na indissociável conjunção de corpo, espírito, natureza e comunidade, rompendo com a compartimentalização ocidental que separa educação, religião e meio ambiente. Assim, o cuidado infantil transcende o mero bem-estar físico, envolvendo rituais que resguardam o princípio vital, uma síntese de alma, memória e experiência.

Neste trabalho, abordaremos as narrativas do cuidar Wajãpi no nascimento das crianças, destacando a paternidade como um elemento central na construção de laços afetivos e na transmissão de saberes que preservam a espiritualidade e a identidade da comunidade. A análise dos relatos de homens indígenas da aldeia Aramirã não só ilumina a riqueza da paternidade indígena, mas também questiona as narrativas hegemônicas que frequentemente marginalizam esses saberes e práticas. Ao unir natureza, sociedade e

espiritualidade, o cuidado Wajãpi se afirma como uma forma de resistência cultural, resguardando os vínculos com seres visíveis e invisíveis sob um mesmo céu primordial.

A infância Wajãpi é vivida em profunda conexão com os ritmos da floresta, os cantos dos ancestrais e os saberes que atravessam gerações. Para esse povo indígena, cuidar de uma criança é muito mais do que garantir sua sobrevivência física — é proteger sua essência espiritual, seu princípio vital e inseri-la em uma rede de relações que envolve humanos, animais, plantas e seres invisíveis. O cuidado ancestral, portanto, não se limita ao momento do nascimento, mas começa desde a gestação e se prolonga por meio de práticas corporais, rituais e ensinamentos transmitidos no cotidiano da aldeia.

Assim, o objetivo desta reflexão é compreender as formas de cuidado na infância Wajãpi a partir de sua cosmologia, destacando o papel dos pais, especialmente dos homens, na proteção espiritual e física dos recém-nascidos.

O estudo adota como procedimento metodológico o levantamento bibliográfico e a análise documental, com o objetivo de compreender as práticas de cuidado ancestral na infância Wajãpi. O levantamento bibliográfico contempla conceitos-chave como cosmologia, cuidar, infância, alteridade e bem viver, articulados com autores que dialogam com a perspectiva decolonial e indígena, tais como Dussel (1977), Gallois (1996) e Araújo (2014). A análise documental se baseia em fontes como o Relatório Diagnóstico Qualitativo da Comunidade Indígena Wajãpi-AP (NUTEX, 2021), o Relatório Indígena Wajãpi-AP (NETEX, 2022) e o documento Paternar Wajãpi (Promundo, 2023), que reúnem relatos de moradores da aldeia Aramirã sobre práticas de cuidado na infância. Essa abordagem permite articular saberes tradicionais com reflexões filosóficas e educativas, evidenciando a centralidade da paternidade indígena na transmissão de valores espirituais, afetivos e comunitários.

Assim, o estudo evidencia que o processo educativo não se dá por meio de instruções formais, mas por experiências sensíveis, escuta atenta e convivência cotidiana. O cuidado com as crianças é transmitido por meio de gestos, narrativas e práticas corporais que envolvem toda a comunidade, revelando uma forma de ensinar que respeita os ritmos da floresta e os vínculos espirituais que sustentam a vida. Busca-se evidenciar como o resguardo, os cantos, os grafismos e as práticas de subsistência compõem uma pedagogia viva, que ensina por meio da experiência, da escuta e da convivência.

Outrossim, pretende-se refletir sobre como essas práticas de cuidado se articulam com a resistência cultural e a preservação dos saberes tradicionais, em um contexto de crescente pressão externa sobre os modos de vida indígenas. A paternidade Wajãpi, longe

de ser periférica, revela-se central na transmissão de valores, na mediação com os seres da floresta e na construção de vínculos afetivos e espirituais com os filhos.

Assim, ao reconhecer e valorizar o cuidado ancestral da infância Wajãpi, este estudo contribui para ampliar o entendimento sobre as múltiplas formas de educar e proteger, propondo uma escuta sensível às cosmologias indígenas e aos modos de existência que desafiam as lógicas coloniais e escolares convencionais.

O artigo está organizado em quatro seções principais: Introdução; Cosmologia do Cuidar Wajãpi na Infância — um olhar ancestral e educativo; Narrativas do cuidar Wajãpi no nascimento das crianças — relatos de homens indígenas da aldeia Aramirã; e Considerações Finais. Cada seção articula-se de forma a conduzir o leitor da fundamentação teórica e conceitual, passando pela descrição contextual e analítica das práticas de cuidado, até a síntese crítica das contribuições do estudo para a compreensão da paternidade indígena e para proposições decoloniais em educação.

2 COSMOLOGIA DO CUIDAR WAJÃPI NA INFÂNCIA: UM OLHAR ANCESTRAL E EDUCATIVO

A cosmologia dos povos indígenas surge como sentido ético que desborda, fissura e questiona as fronteiras da ontologia educativa que introduzem e sustentam as dinâmicas de colonialidade, opressão e exclusão do Outro, da alteridade estampada no rosto da juventude, da mulher, do negro e do refugiado.

Trata-se de pensar a partir do Outro que tem sua dignidade aviltada pelo mesmo sistema ontológico que pensa e propõe o fundamento, o ser da totalidade vigente que pretende justificar a interdição de outrem. Com efeito, diante da ontologia da colonialidade, a tarefa é resgatar e manifestar a razão da alteridade que aqui se pretende levar adiante a partir do Outro indígena.

A sabedoria indígena do bem viver (viver bem) e da terra sem males constitui o objeto deste artigo, orientando uma filosofia da educação que assume uma perspectiva ética; nessa direção, segue-se a proposta de Dussel (1977), segundo a qual a práxis de libertação se traduz em ação reflexiva que se desdobra também em uma pedagogia do ethos educativo.

O termo “cosmologia” que aqui é remetido à sabedoria indígena, indica a compreensão do universo em sua pluralidade, a partir do qual a criatura humana é concebida em íntima e complexa inter-relação que inclui os outros seres vivos e a natureza.

Por muito tempo, em nome de uma lógica racional, ocidental e europeia, à qual se atrela toda uma dinâmica materialista e mercadológica, a sabedoria indígena foi considerada como não saber, uma superstição ou coisa primitiva.

Na cosmologia Wajãpi, a infância se vive na conjunção indissociável de corpo, espírito, natureza e comunidade, rompendo com a compartimentalização ocidental entre educação, religião e meio ambiente (NUTEX, 2022). Assim, o cuidado infantil não se reduz ao bem-estar físico, mas envolve rituais que protegem o princípio vital — essa síntese de alma, memória e experiência — por meio de cantos sagrados e pinturas corporais com urucum e jenipapo, erguidas como barreiras contra forças maléficas (Gallois, 1996; Araújo, 2014).

No entanto, essa proteção espiritual encontra expressão mais ampla nas celebrações coletivas, como o Turé e as festas do milho, do mel e dos peixes. Nessas ocasiões, as crianças aprendem cânticos originais, reencenam mitos de criação e, ao tocar as flautas ture puku, experimentam o gesto de fertilizar a terra e convocar a chuva conforme ensinou o herói Janejarã (Nunes; Canavieira, 2025).

Dessa forma, o cotidiano Wajãpi converte-se em sala de aula: indígenas meninos desenvolvem, em brincadeiras de caça simbólica, a sensibilidade de dialogar com a floresta, enquanto indígenas meninas aprendem com as mães as técnicas de plantio e tecelagem de redes, como mostra os grafismos Wajãpi, nas figuras 1, 2, 3 e 4.

Figura 1 – indígena aprendendo a pesca



Fonte: PROMUNDO (2023)

Figura 2 – Indígena aprendo a caçar



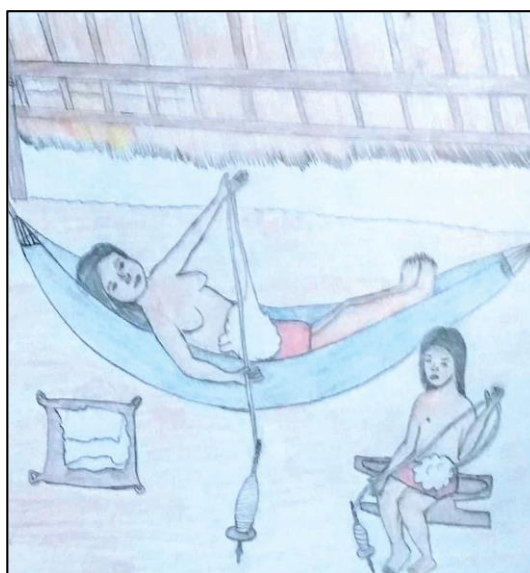
Fonte: PROMUNDO (2023)

Figura 3 – Indígena aprendo a plantar



Fonte: PROMUNDO (2023)

Figura 4 – Indígena aprendo a tecelagem de rede



Fonte: PROMUNDO (2023)

As imagens apresentadas refletem um importante diálogo entre a cultura Wajãpi e as práticas de ensino e aprendizado que ocorrem no cotidiano dessa comunidade indígena. Ao observar as atividades representadas nas figuras, como a pesca, a caça, o plantio e a tecelagem de redes, podemos identificar várias camadas de significado: educação ancestral; relação com a natureza; gênero e transmissão de saberes; grafismo e identidade; descolonização do conhecimento.

O aprendizado nas comunidades Wajãpi se dá de forma prática e contextualizada, onde meninos e meninas absorvem conhecimentos essenciais para a sobrevivência e a manutenção da cultura. O cotidiano Wajãpi é profundamente interligado com a floresta e os recursos naturais. As brincadeiras de caça simbólica e as práticas de plantio ilustram uma relação respeitosa e sensível com o meio ambiente, promovendo um entendimento holístico da natureza.

As representações das meninas aprendendo com as mães a tecer redes e plantar ressaltam a importância do papel feminino na transmissão de conhecimentos e habilidades, evidenciando a divisão de tarefas que é comum em muitas culturas indígenas. Os grafismos Wajãpi que adornam as imagens não apenas embelezam, mas também carregam significados culturais profundos, refletindo a identidade e as tradições da comunidade. A ênfase no aprendizado indígena como um espaço de sala de aula redefine o conceito de educação, desafiando as narrativas hegemônicas que muitas vezes marginalizam os saberes tradicionais.

Outrossim, os pais indígenas assumem papel ativo nesse aprendizado: sob seus olhares, os filhos acompanham trilhas e floresta e plantio da roça absorvendo, no exemplo prático, o conhecimento sobre plantas medicinais, rastreamento de animais e construção de armadilhas. Assim, por meio de jogos de imitação — como o “esconde-esconde das raízes” ou corridas contra o vento — crianças internalizam ritmos e saberes tradicionais sem distinguir brincar de aprender, alinhando-se à pedagogia ancestral que valoriza o exemplo vivo do pai indígena e reforça laços comunitários (Tassinari *et al.*, 2012). O brincar torna-se pedagogia corporal, na qual oralidade, movimento e experiência coletiva moldam o saber e a identidade das novas gerações (Tassinari *et al.*, 2012).

Dessa forma, ao unificar natureza, sociedade e espiritualidade, o cuidado Wajãpi afirma-se como prática de resistência cultural, preservando vínculos com seres visíveis e invisíveis sob um mesmo céu primordial (Gallois, 1996; Araújo, 2014).

Além disso, a imersão das crianças na rotina de subsistência, guiada pelo pai indígena, oferece um aprendizado sensível aos ciclos sazonais e às inter-relações entre todos os seres. Sob sua orientação, os pequenos aprendem a interpretar sinais climáticos, a reconhecer plantas medicinais no mato e a conduzir pequenas caçadas que respeitam o equilíbrio ecológico, consolidando um senso de responsabilidade ambiental desde a infância (Gomes; Nascimento, 2021). Dessa forma, o saber tradicional deixa de ser apenas conhecimento técnico: ele se converte em um repertório de valores de reciprocidade com a floresta e em uma vivência concreta da cosmologia Wajãpi, na qual toda forma de vida compartilha um mesmo sopro vital (Gallois, 1996).

No entanto, essa transmissão de saberes transcende o simples repasse de habilidades. Assim, cada gesto, cada canto e cada grafismo atuam como instrumentos de resistência cultural, fortalecendo a língua e os mitos originais diante das incursões externas. Como ressalta Araújo (2014), a educação Wajãpi tece um “tecido social” em que memória coletiva e espiritualidade se entrelaçam e as crianças crescem conscientes de seus direitos ancestrais e capacitadas a defender tanto o território material quanto o simbólico de seu povo.

A cosmologia indígena, a qual deve ser entendida em sentido plural (cosmologias), não se confunde com o modo de saber que se impõe desde a perspectiva do conquistador. No entanto, à sua referência e resgate, não implica tanto medir ou fazer qualquer juízo de valor comparativo, mas tão somente compreender a epistemologia que emerge da sabedoria indígena, a qual se espalha como memória,

linguagem e conhecimento pelas veredas do que se convencionou chamar de América Latina.

O processo decolonial do conhecimento é que, portanto, impacta sobremaneira a educação, supõe uma tentativa de reescrever a própria história, a partir da memória dos condenados da terra (Fanon, 2005). Tal tarefa que, no presente artigo, é apenas sinalizada, deve se consubstanciar a partir de “uma outra lógica, outra língua, um outro pensamento” (Mignolo, 2005b, p. 20).

Embora esta noção conceitual implique referências mais amplas, como a andina, o “bem viver” surge como uma memória coletiva e modo de viver do povo guarani, “um povo livre e profundamente espiritual” (Alencar, 2009, p. 17), que é uma das mais expressivas etnias indígenas que habita ampla região da América do Sul, desde o Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e parte centro-meridional brasileiro.

A trama do “bem viver”, como projeto e realidade de uma outra sociedade possível, é também desejo (utopia) da “terra sem males”. A emergência e o protagonismo dos povos indígenas ensejam a possibilidade de uma interface com a experiência guarani, como é o caso da Aldeia Aramirã no cuidar da infância Wajapi.

O bem viver se apresenta tanto como um princípio de vida, a ser constantemente buscado, bem como um projeto de sociedade, de convivência entre todos/as, o ser humano convivendo em equilíbrio com o meio ambiente.

A sabedoria do bem viver e da terra sem males assume uma visão de mundo em que a realidade humana está intimamente interligada ao entorno natural e social. Sustenta-se uma concepção pluridimensional da condição humana em conexão com a natureza.

Tenha-se também em conta de que se trata de uma sabedoria que nasce da memória coletiva dos povos indígenas, mas que, desde a chegada dos primeiros colonizadores europeus, não é reconhecida.

Aqueles que se apresentam como donos da história e da narrativa oficial, educados pela ontologia do poder, impõem-se também pela prática pedagógica de dominação e negação do/a Outro/a. Contudo, o ethos da alteridade testemunha uma interpelação que é de resistência e passos viáveis para a construção de outro mundo possível e necessário.

3 NARRATIVAS DO CUIDAR WAJÃPI NO NASCIMENTO DAS CRIANÇAS: RELATOS DE HOMENS INDÍGENAS DA ALDEIA ARAMIRÃ

Na visão Wajãpi, a paternidade não começa quando a criança nasce, mas já se estabelece no momento da concepção. Assim, os homens se engajam em rituais de proteção — incluindo rezas, oferendas e restrições alimentares — que têm por objetivo fortalecer o vínculo materno-infantil e resguardar a energia vital do nascituro (Promundo, 2023). Outrossim, durante a gestação o pai atua de modo colaborativo na escolha dos alimentos consumidos pela companheira, de forma a manter o equilíbrio energético e prevenir influências negativas sobre o feto (Promundo, 2023). No entanto, essa participação masculina pré-natal vai além do apoio físico, segundo Zanello (2018), o envolvimento do pai desde o ventre materno contribui para a construção de laços afetivos precoces e para a percepção da criança como sujeito social desde sua formação inicial. Dessa forma, o cuidado Wajãpi integra práticas espirituais e comunitárias que conferem à paternidade um caráter ativo e ritualizado ainda antes do primeiro choro.

Assim, ao nascer, a criança encontra um conjunto de regras de amparo cuidadosamente delineadas, pois o cuidado neonatal é considerado a continuidade natural dos cuidados iniciados na barriga. Assim, os relatos compilados na Tabela 1 ilustram como os pais Wajãpi organizam seu papel em relação ao nascimento, destacando a presença ativa e o protagonismo masculino na construção da parentalidade indígena.

Quadro 1 – Relatos sobre o papel do pai no cuidado com as crianças

Homens Indígenas	Idade	Quantidade de filhos por esposa	Relatos
HI1	43 anos	Esposa 1- 9 filhos Esposa 2- 11 filhos	“Quando o meu filho nasce eu tenho um papel muito importante. Eu tenho que fazer um grande resguardo, respeitar cada dia...cada momento, eu tenho que respeitar o meu filho também, eu tenho que cuidar, é um resguardo muito importante que nós fazemos da nossa cultura waiãpi, que não podemos caçar, nem pescar, nem andar no sol, e nem da chuva, nós temos que fazer um resguardo, resguardar nosso filho e nós se proteger também como pai...e o pai cuida do espírito do filho e espírito do próprio pai

			se cuida também...eu 'me cuida'...eu tenho que me cuidar, se não me cuidar, eu posso adoecer daqui a um futuro...é porque nós respeitamos cada...cada 'y-an' que nós falamos, 'y-an'... é cada espírito que tem que nós não vemos, quem conhece os espíritos são pajé e nós não vemos... 'é invisíveis', que faz mal pra nós, faz mal para os homens principalmente que se...não se cuidar e não cuidar do filho e filha, né...recém-nascido."
HI2	35 anos	1 esposa- filhos 6	"quando o nosso filho nasce, a gente faz o resguardo e não pode ir tomar banho do rio durante nessa vinda do recém-nascido e tem que ficar em casa junto com a mãe, e pai, e filho, e tem o...pai, quem é pai, tem mãe que ela que... vai cuidar o seu filho que faz resguardo, ele que vai carregar, trazer água pra você tomar banho e vai ter o pai que vai trazer 'o caça' pra você comer. E traz lenha, e faz o fogo, e tudo o que ele traz."
HI9	26anos	1 esposa- filhos 2	Quando nasce meu filho tem que fazer muito resguardo, não pode caçar, não pode fazer coisas ruins, não pode pegar qualquer coisa por que as coisas quando, por exemplo, matam a sucuri faz mal, não pode tomar banho no rio, não pode pescar qualquer peixe senão faz mal pra ele.
HI10	31 anos	1 esposa- filhos 6	"Quando eu tenho um filho recém-nascido, eu fiz sempre o resguardo, eu não posso caçar, eu não posso pescar, eu não posso banhar no rio. Se eu banho no rio, com certeza a dona do rio vai pegar a alma da criança e também eu não posso caçar. Se eu caçar uma caça, vou ter a caça e tem o dono, né. Por isso que eu não posso caçar. Se eu caçar, o dono da caça vai pegar a alma da criança e pode levar até...dar pra criança chorar muito até adoecer, é por isso que a gente não pode caçar durante ter filho recém-nascido."

Fonte: NUTEX (2021).

A análise do quadro 1 apresentado sobre o papel dos pais no cuidado com as crianças na comunidade indígena Wajãpi revela várias camadas de significado cultural e

espiritual que são fundamentais para entender a paternidade dentro desse contexto: conceito de resguardo, relação com a natureza, papel do pai, cuidado coletivo, desafios coloniais.

Os relatos dos pais Wajãpi sobre o período de "resguardo" após o nascimento de uma criança oferecem um rico campo de análise à luz da teoria do bem viver, que busca integrar o ser humano em uma relação harmônica com a natureza, a comunidade e a espiritualidade. A prática do resguardo não é apenas uma medida de proteção física, mas um reflexo de um entendimento mais profundo do que significa viver bem dentro da cosmologia Wajãpi.

A descrição do resguardo revela uma abordagem holística, onde o cuidado transcende o físico e toca o espiritual. O pai Wajãpi não se limita a evitar atividades que possam prejudicar a criança; ele se engaja em rituais que protegem tanto o espírito do filho quanto o seu próprio. Essa visão de proteção integral está alinhada com os princípios do bem viver, que enfatizam a interconexão entre corpo, espírito e natureza. O cuidado é, portanto, uma prática que envolve a proteção do ser, reconhecendo que a saúde e o bem-estar são influenciados por forças invisíveis e espirituais.

A divisão ativa de tarefas entre os genitores durante o resguardo reflete uma estrutura de apoio mútuo e colaboração que é central na filosofia do bem viver. O pai, ao assumir responsabilidades como o abastecimento do lar, não apenas garante a continuidade das necessidades materiais, mas também reforça os laços afetivos e solidários dentro da unidade familiar. Essa responsabilidade compartilhada transforma o nascimento em um evento comunitário, onde toda a família contribui para o bem-estar do recém-nascido, destacando a importância da coletividade na cultura Wajãpi.

O cuidado paterno, que se estende à esfera espiritual ao evitar ofender os "donos" dos animais e das águas, demonstra uma profunda compreensão de que o bem viver não é apenas uma questão individual, mas uma responsabilidade coletiva que envolve respeito e harmonia com o entorno. Essa prática se torna uma forma de resistência cultural, preservando tradições que fortalecem tanto a identidade Wajãpi quanto sua conexão com a terra e os seres que nela habitam.

O resguardo também serve como uma primeira lição de uma pedagogia ancestral, onde a criança é iniciada em uma compreensão do mundo que a cerca. A vigilância e os cuidados do pai não são apenas para proteger, mas para educar, transmitindo valores que garantem a continuidade de saberes e práticas que sustentam a vida em comunidade. Esse

aprendizado é vital para a formação de uma identidade que se baseia na interdependência e na responsabilidade compartilhada.

Cada gesto de cuidado durante o resguardo tece uma rede de relações que sustenta a comunidade. O reconhecimento de que o nascimento é uma responsabilidade compartilhada reforça o sentido de pertencimento e solidariedade entre os Wajãpi. A prática do resguardo, portanto, não é apenas um ato individual de proteção, mas um ritual que fortalece os vínculos comunitários e a identidade coletiva.

Os relatos que enfatizam a interdependência entre os seres humanos e a natureza são fundamentais para compreender a filosofia do bem viver, que é central na cosmologia indígena, especialmente entre os Wajãpi. A prática de proibir a caça ou a pesca durante o período de resguardo vai além de um simples cuidado físico; é uma expressão profunda de respeito e harmonia com o mundo natural e as forças espirituais que o regem. Nesse sentido reflete-se sobre a (1) a Interdependência e Relacionamento com a Natureza; (2) Reconhecimento das Forças Espirituais; (3) Contraste com Perspectivas Ocidentais e (4) Práticas de Cuidado e Educação.

A interdependência refletida nos relatos dos Wajãpi mostra que a natureza não é vista como um recurso a ser explorado, mas como uma entidade viva, dotada de espíritos e forças que precisam ser respeitadas. Essa visão é um pilar do conceito de bem viver, que promove a ideia de que a saúde e o bem-estar das pessoas estão intrinsecamente ligados à saúde do meio ambiente. O cuidado com a criança e a suspensão de atividades que possam ofender esses espíritos demonstram uma consciência coletiva do impacto que as ações humanas têm sobre a natureza e vice-versa.

A proibição de atividades como a caça e a pesca durante o resguardo é um reconhecimento de que o bem-estar da criança não se limita ao físico, mas se estende ao espiritual. Essa prática implica uma relação de reciprocidade, onde os Wajãpi se comprometem a proteger não apenas a vida da criança, mas também a harmonia do ecossistema. Ao evitar ações que possam ofender os "donos" dos animais e das águas, os pais Wajãpi estão praticando um cuidado que reflete a compreensão de que a vida é um ciclo interconectado, onde cada ser possui seu lugar e sua importância.

A visão dos Wajãpi contrasta fortemente com a perspectiva ocidental, que frequentemente considera a natureza como um mero recurso para ser explorado. Essa abordagem utilitarista pode levar à exploração excessiva e à degradação ambiental. Em contraste, a mentalidade indígena promove uma relação de coabitação e respeito, onde o ser humano é apenas uma parte de um todo maior. Essa visão é vital para a

sustentabilidade e o bem viver, já que promove uma ética de cuidado e responsabilidade que é essencial para a preservação das futuras gerações.

O cuidado durante o resguardo não apenas protege a criança, mas serve como uma forma de educação sobre a importância de respeitar a natureza. Os Wajãpi transmitem esses valores às novas gerações, garantindo que o conceito de bem viver e a interdependência entre os seres humanos e a natureza continuem a ser parte central de sua cultura. Assim, o resguardo se transforma em uma prática educativa que ensina a consciência ecológica desde os primeiros momentos de vida.

Os relatos dos homens indígenas sobre a paternidade revelam uma perspectiva rica e multifacetada que ressoa profundamente com o conceito de bem viver. Esta visão transcende a mera responsabilidade física, posicionando o pai como um guardião do espírito da criança e enfatizando a dimensão espiritual que acompanha o ato de ser pai.

A visão indígena da paternidade, que inclui a responsabilidade espiritual, reflete a essência do bem viver, onde a vida é compreendida em sua totalidade. O pai não é apenas um provedor material, mas um cuidador que se preocupa com o bem-estar emocional e espiritual da criança. Essa abordagem holística é fundamental para o desenvolvimento saudável das novas gerações, promovendo uma educação que valoriza não apenas o corpo, mas também a alma.

A ênfase na responsabilidade espiritual do pai destaca a importância das relações intergeracionais e da transmissão de valores. O pai Wajãpi atua como um mediador entre o mundo físico e o espiritual, ensinando à criança sobre as forças invisíveis que regem o universo. Essa função de guardião espiritual é essencial para a formação da identidade da criança, que aprende a navegar não apenas o mundo material, mas também o espiritual, criando um senso de pertencimento e responsabilidade.

A visão da paternidade apresentada pelos homens indígenas desafia as narrativas ocidentais que frequentemente reduzem o papel do pai a questões financeiras ou de proteção física. Na cultura ocidental, o pai é muitas vezes visto como um provedor, e seu valor é medido em termos de recursos materiais. Essa perspectiva pode levar à desumanização das relações familiares, onde aspectos emocionais e espirituais são desconsiderados. Ao contrário, a concepção Wajãpi amplia o entendimento sobre a paternidade, incorporando dimensões que promovem o bem viver e a coesão familiar.

Essa abordagem espiritual da paternidade também se traduz em uma pedagogia de cuidado e aprendizagem. O pai, ao cuidar do espírito da criança, está simultaneamente ensinando sobre a importância do respeito às tradições, à natureza e às forças que

permeiam a vida. Essa educação é vital para a formação de uma identidade que seja consciente e respeitosa, alinhada com os princípios do bem viver, onde o ser humano encontra seu lugar no mundo em harmonia com todos os outros seres.

Além disso, a visão de paternidade como guardião do espírito contribui para fortalecer os laços comunitários. A paternidade não é um papel isolado, mas uma função que está inserida em um contexto coletivo, onde a responsabilidade de cuidar e educar é compartilhada entre os membros da comunidade. Essa dinâmica promove um senso de pertencimento e solidariedade, reforçando a estrutura social que sustenta o bem viver.

Os relatos que destacam a colaboração entre os pais e o papel da mãe na dinâmica de cuidado refletem profundamente o conceito de bem viver, que enfatiza a interconexão entre os indivíduos e a coletividade. Essa abordagem sugere um modelo de cuidado que se fundamenta na solidariedade, na responsabilidade compartilhada e na valorização das relações comunitárias.

A noção de um cuidado coletivo e comunitário entre os Wajãpi desafia as visões individualistas predominantes em muitas culturas ocidentais. No contexto ocidental, a responsabilidade parental é frequentemente vista como uma carga isolada, onde os pais são considerados os únicos responsáveis pelo bem-estar de seus filhos. Em contrapartida, a perspectiva indígena promove uma visão mais integrada, na qual o cuidado é um esforço conjunto que envolve toda a comunidade. Essa prática não apenas fortalece os laços familiares, mas também enriquece a rede de apoio social, essencial para o bem viver.

O papel ativo da mãe e a colaboração entre os pais refletem uma compreensão da interdependência que é central para a filosofia do bem viver. Essa interconexão é vital para o desenvolvimento saudável das crianças e para a manutenção da coesão social. Ao compartilhar responsabilidades, tanto os pais quanto a comunidade garantem que as necessidades emocionais, físicas e espirituais das crianças sejam atendidas, criando um ambiente propício para o crescimento integral.

A análise decolonial ressalta que práticas como essas podem ser desvalorizadas ou mal interpretadas em contextos coloniais. A imposição de valores ocidentais, que frequentemente minimizam ou ignoram as ricas tradições indígenas, leva a uma erosão das práticas culturais e espirituais. Essa desvalorização não só prejudica a identidade cultural, mas também impede a transmissão de saberes ancestrais que são fundamentais para o bem viver. A resistência a essa imposição se manifesta na reafirmação das tradições de cuidado coletivo, que desafiam as narrativas hegemônicas e promovem a valorização das práticas indígenas.

O reconhecimento do papel da mãe e a colaboração entre os pais são expressões da riqueza das tradições indígenas, que valorizam a sabedoria coletiva e as relações interpessoais. Essas práticas oferecem uma alternativa às visões ocidentais que, ao priorizar o individualismo, podem levar ao isolamento e à fragmentação social. A ênfase no cuidado comunitário não apenas fortalece os laços sociais, mas também contribui para a resiliência cultural, permitindo que a comunidade se mantenha unida diante de desafios externos.

Esse modelo de cuidado coletivo também desempenha um papel crucial na educação das crianças. Ao observar a colaboração entre os pais, as crianças aprendem sobre responsabilidade, solidariedade e respeito mútuo. Essa educação informal é um componente essencial da pedagogia indígena, que valoriza a transmissão de valores e saberes de geração em geração, promovendo um entendimento holístico da vida que se alinha com os princípios do bem viver.

Os relatos dos pais Wajãpi evidenciam que o nascimento de uma criança inaugura um período de “resguardo” compartilhado, no qual ambos os genitores suspendem atividades habituais para proteger o recém-nascido. Assim, conforme expresso em HI1, o pai não apenas impede-se de caçar, pescar ou expor-se ao sol e à chuva, mas também cuida do espírito do filho — e do próprio — por meio de cantos e práticas que revelam o profundo caráter sagrado deste momento (HI1) (Promundo, 2023).

No entanto, o resguardo não se limita a um isolamento passivo. Outrossim, ele se articula em uma divisão ativa de tarefas: o pai, como relata HI2, assume a responsabilidade de abastecer o lar com água, lenha e caça cuidadosamente selecionada, enquanto a mãe dedica-se ao cuidado direto da criança. Dessa forma, o cotidiano na aldeia torna-se expressão concreta da paternidade presente, que sustenta o vínculo afetivo e garante as condições materiais para o descanso materno-infantil (HI2).

Além disso, o cuidado paterno alarga-se à esfera espiritual: é comum que, durante o resguardo, o homem evite atividades que possam ofender os “donos” dos animais ou das águas. Por isso, segundo HI10, qualquer caça ou banho no rio — se realizado sem a devida observância dos ritos — arrisca não só a alma da criança, mas também a própria harmonia familiar, exigindo do pai vigilância constante sobre si e sobre o entorno (HI10).

Dessa forma, o pai Wajãpi emerge simultaneamente como protetor físico e mediador cosmológico. Sua conduta modela, desde os primeiros dias de vida, a compreensão infantil de um universo onde todo ser é senhorado por forças invisíveis. Assim, o resguardo funciona não apenas como cuidado pós-natal, mas como primeira

lição de uma pedagogia ancestral que entrelaça cuidado, espiritualidade e pertencimento comunitário.

Os homens Wajãpi descrevem com riqueza de detalhes como o cumprimento rigoroso das tradições de cuidado, sobretudo durante o resguardo, reforça o protagonismo paterno e assegura a proteção plena do recém-nascido. Dessa forma, toda a família se mobiliza para que esse período transcorra sem intercorrências: parentes preparam alimentos específicos, respeitando as normas ritualísticas, enquanto o pai assume seu papel de guardião do corpo e do espírito da criança (Promundo, 2023).

Outrossim, essa colaboração expressa a Wanã como espaço comunitário, onde o nascimento deixa de ser um acontecimento individual para se converter em responsabilidade partilhada de todo o núcleo familiar. Assim, cada gesto de cuidado não apenas protege a vida que chega, mas também tece os laços de solidariedade e pertencimento que sustentam a comunidade Wajãpi.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a cosmologia do cuidar na infância Wajãpi revela a profundidade e a riqueza das práticas educativas que transcendem o mero aspecto físico do cuidado. A paternidade, entendida como um papel ativo e espiritual, não se limita a prover; ela envolve a proteção da essência vital da criança e a integração em uma rede de relações que abarca humanos, natureza e seres invisíveis. Essa abordagem holística reflete os princípios do bem viver, que enfatizam a interconexão entre todos os seres e a importância do cuidado coletivo.

Os relatos dos homens Wajãpi destacam a colaboração entre os pais e a centralidade da mãe na construção de laços afetivos e na transmissão de saberes. Essa dinâmica comunitária desafia as narrativas individualistas que predominam em muitas culturas ocidentais, onde o cuidado é frequentemente visto como uma responsabilidade isolada. Em contraste, a perspectiva Wajãpi promove um entendimento de que o bem-estar da criança é uma responsabilidade compartilhada, envolvendo toda a comunidade.

Além disso, a análise decolonial nos permite compreender como as práticas culturais indígenas, frequentemente desvalorizadas, são, na verdade, fontes de resistência e de preservação da identidade. O reconhecimento e a valorização dessas tradições são fundamentais para a construção de um futuro onde a diversidade cultural seja respeitada e celebrada.

Este trabalho, ao iluminar a rica cosmologia do cuidar Wajãpi, contribui para a ampliação do entendimento sobre as múltiplas formas de educar e proteger. Ele propõe uma escuta sensível às cosmologias indígenas, desafiando as lógicas coloniais e escolares convencionais. Ao fortalecer os laços comunitários e espirituais, a sabedoria ancestral dos Wajãpi não apenas preserva sua cultura, mas também oferece lições valiosas para todos os povos sobre a importância do cuidado, da solidariedade e da interdependência na busca por um mundo mais justo e harmonioso.

Em suma, o legado do bem viver, tal como manifestado na cultura Wajãpi, deve ser reconhecido como uma forma vital de resistência cultural, um convite à reflexão sobre nossas próprias práticas educativas e relações com o mundo natural. A sabedoria dos Wajãpi nos ensina que cuidar é, antes de tudo, uma prática de amor que se estende além da família, entrelaçando a comunidade em um tecido social de solidariedade e respeito pela vida em todas as suas formas.

O estudo revela a profundidade e a complexidade do cuidado ancestral Wajãpi na infância, evidenciando que esse cuidado não se limita a práticas isoladas, mas constitui um sistema integrado de saberes, afetos e espiritualidade. A infância, nesse contexto, é vivida como parte de um ciclo vital que conecta o corpo da criança à memória coletiva, à cosmologia do povo e aos ritmos da floresta. O princípio vital, como expressam os Wajãpi, é uma energia que precisa ser protegida desde a gestação, e essa proteção se dá por meio de cantos, rituais, pinturas corporais e restrições que envolvem toda a comunidade.

Outrossim, a figura do pai indígena emerge como protagonista no processo de cuidado, assumindo responsabilidades que vão além do provimento material. Os relatos dos homens da aldeia Aramirã demonstram que o resguardo é um momento de recolhimento e conexão espiritual, no qual o pai se abstém de atividades como caça e pesca para proteger não apenas o corpo, mas também o espírito do recém-nascido. Essa prática reforça a ideia de que o cuidado é também uma forma de ensinar, de transmitir valores e de preparar a criança para viver em equilíbrio com os seres visíveis e invisíveis que habitam o mundo.

Dessa forma, o cotidiano Wajãpi se transforma em espaço educativo, onde o brincar, o contar histórias e o acompanhar os pais nas atividades de subsistência constituem uma pedagogia viva e sensível. Meninos e meninas aprendem com os mais velhos a dialogar com a floresta, a respeitar os ciclos da terra e a reconhecer os sinais dos donos dos lugares. A educação, nesse sentido, não se dá por imposição, mas por imersão, por escuta e por participação ativa nos rituais e nas narrativas que sustentam a identidade do povo.

Portanto, reconhecer e valorizar o cuidado ancestral da infância Wajãpi é também afirmar a potência de uma pedagogia que resiste às lógicas coloniais e que propõe outras formas de existir, aprender e cuidar. A incorporação desses saberes em políticas públicas, currículos escolares e formações docentes é um passo fundamental para garantir o direito das crianças indígenas à educação que respeite sua cultura, sua espiritualidade e sua forma própria de compreender o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Jackson de. **A terra sem males**. São Paulo: Paulus, 2009.
- ARAÚJO, Eliane. **Saberes e práticas espirituais na educação indígena: o cuidado ancestral Wajãpi**. Brasília: Editora da UnB, 2014.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação: na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.
- GALLOIS, Christine. **O corpo do pajé: opiwarã, warua e cosmologia Wajãpi**. Manaus: Editora Amazonas, 1996.
- GOMES, João Carlos; NASCIMENTO, Adir Casaro. **Pedagogias culturais da infância indígena: práticas Guarani e Kaiowá**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 35-54.
- NUNES, Jurema de Aquino; CANAVIEIRA, Fabiana Oliveira. **Educação infantil e cosmovisão indígena: colocar o coração no ritmo da terra**. Fortaleza: Editora UFCA, 2025.
- NUTEX. **Relatório-Diagnóstico Qualitativo da Comunidade Indígena Wajãpi-AP**. Macapá: UEAP, 2021.
- NUTEX. **Relatório Indígena Wajãpi-AP**. Macapá: UEAP, 2022.
- PROMUNDO. **O Paternar Wajãpi**. Rio de Janeiro: Promundo, 2023.
- TASSINARI, Vinícius; ALMEIDA, Rosa; SILVA, Pedro. **Brincar e aprender entre os Wajãpi: corporalidade, oralidade e comunidade**. São Paulo: Editora Selo, 2012.
- ZANELLO, Carla. **A paternidade ativa: novas perspectivas sobre o cuidado pré-natal masculino**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.